



casadesarmento

centro de estudos do património

O românico no concelho do Guimarães V - A igreja de S. Pedro de Polvoreira

Luís de Pina

Revista de Guimarães, n.º 39, 1929, pp. 182-189

Entre as freguesias de S. Vicente de Mascotelos e Santo Estêvão de Urgeses, a Norte, S. Salvador de Pinheiro e Santa Eulália de Pentieiros, a Este, S. Cipriano de Taboadelo e Santa Maria de Infias, a Sul, e Santa Eulália de Nespereira, a Oeste, está a freguesia de S. Pedro de Polvoreira. A sua igreja assenta no cimo dum morro, cujas faldas são riscadas, a Nascente, pela estrada de Guimarães a Gémeos, e a Poente pelo caminho de ferro e pela estrada que daquela cidade leva ao Porto.

Foi este monte outrora moradia de populações pré e proto-históricas, a tal se referindo Sarmento em várias passagens dos seus trabalhos. Nos "Materiaes para a archeologia do Goncelho de Guimarães"¹, indica-nos as investigações que realizou nesse monte e terras próximas, tendo encontrado nestas (Lujó "*parte austral do monte de Polvoreira*") vestígios de um "*castro ou coisa que o valha*". Por aí "*tanto no cimo do monte, como pelas suas vertentes, sobretudo pela vertente oriental, fragmentos de telha romana, fragmentos de louça igual à da Citânia, são extremamente vulgares à superfície...*". "*Estes vestígios duma povoação, que não devera ser pequena, vão rareando, quando se marcha para o sul pela espinha do monte e cessam inteiramente, desde que se entra no Lujó propriamente dito*".

¹ Martins Sarmento — *Materiaes para a archeologia do concelho de Guimarães*. "Rev. de Guimarães". N.º 4. Vol. II. 1885. Guimarães.

M. Sarmiento hesitou em chamar castro ao cabeço de Polvoreira, mas desconfiava de certos acidentes de terreno que *“nada têm de naturais”*². Bastante cerâmica e telha aí também encontrou, colhendo a lenda de guerras entre mouros da Penha e de Polvoreira, batendo-se rijamente à pedrada³.

Pinho Leal afirma que *“no monte da Polvoreira, próximo às Caldas de Vizella, há um dólmen”*⁴. Vilhena Barbosa reforça, pelas mesmas palavras, esta asserção⁵ (5). A estas se referiu José Caldas na 9.^a sessão do Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-históricas (1880), nada dizendo sobre a sua veracidade⁶.

Em Polvoreira existe uma propriedade denominada do Carvalho de Arca; perto, mas já na freguesia de S. Salvador de Pinheiro, outras duas herdades se chamam Arca do Meio e Arca de Baixo. Estas designações populares não estarão lembrando a existência, por aqueles sítios, de um ou mais dolmens, hoje destruídos? Quem sabe! Da Gruta dos Mouros no Lujó, que tanto preocupa a atenção do povo, dizia

M. Sarmiento *“ser possível, senão provável”*, ter patenteado alguns objectos de pedra polida, como gruta sepulcral que lhe pareceu ser⁷. No mesmo Lujó apareceram, sob uma lasca de granito, alguns carvões, tudo no sopé de urna fraga, consoante o informaram⁸. Isto o levava a pensar que ali seria o cemitério do povoado de Polvoreira, se a este se queria referir Sarmiento quando falava *“na outra extremidade do monte”*⁹. Também colheu Sarmiento a tradição da existência dum penedo baloiçante, já referido por Pereira Caldas, que no entanto não

² Idem. Idem.

³ Martins Sarmiento *Antiqua*. Cad. manuscrito n.º 2. Biblioteca da Soc. Martins Sarmiento.

⁴ Pinho Leal — *Portugal Antigo e Moderno*. Vol. 7.º. 1876. Lisboa.

⁵ Vilhena Barbosa — *Monumentos de Portugal*. 1886. Lisboa.

⁶ José Caldas — *Archéologie préhistorique dans la province de Minho*. Compte-Rendu du Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie préhistoriques (1880). Lisboa. 1884

⁷ Martins Sarmiento — *Materiaes* etc. Ob. cit.

⁸ Idem. Idem.

⁹ Idem. Idem.



logrou ver¹⁰, nota curiosa pela importância que actualmente estão adquirindo tais megálitos para o estudo da pré-história.

No entanto, nada de positivo adiantou. Por mim, que calcorreei algumas vezes aqueles lugares a cata das particularidades indicadas por Sarmento e outros, especialmente o dólmen, por aquela extensão de terras enconchadas no triângulo compreendido entre as igrejas de Infias, Polvoreira e Pinheiro, só posso dizer que as não encontrei, nem delas logrei informe. É possível que em novo espolhar alguma coisa tope de jeito, quando se me oferecer ocasião, nos escassos momentos de folga dos meus deveres profissionais e oficiais. Contudo, são realmente abundantes por aquelas paragens os fragmentos de cerâmica, tijolo, etc. Enfim, tudo o que venho referindo diz respeito indirectamente à Igreja que neste artigozinho apresento aos leitores.

Como é sabido e os factos vão demonstrando, os cristãos elevaram a mor parte dos seus templos primitivos nos mesmos locais em que o paganismo erigira os seus, às vezes sobre as suas próprias ruínas. Isso tem sido verificado em muitos *castros*, como por ex., sem irmos fora do concelho de Guimarães, na Penha (ermida de S. Mamede), Citânia de Briteiros (ermida de S. Romão), Infias (igreja de Infias), etc. A este propósito, e referindo-se a esta última, Sarmento fala na situação da de S. Pedro de Polvoreira, no cimo do monte do mesmo nome, pretendo *castro*, dizendo: *Se daqui se contasse notícia idêntica à do templo pagão de Infias, teríamos de rejeitá-la sem provas claras, mas sempre acrescentaríamos que a sua posição era um indício que valia por uma prova. Não existe tal notícia, nem através das reedificações da igreja de Polvoreira escapou coisa alguma, que denuncie a grande antiguidade que decerto tem*¹¹.

¹⁰ Idem. Idem.

¹¹ Idem. Idem.



casadesarmento

centro de estudos do património



Qual seja essa antiguidade não sabemos. É possível, porém, que a actual igreja seja uma reconstrução da primitiva, da qual não colhi ainda notícias.

As mais antigas referências que encontrei a S. Pedro de Polvoreira são do século XIII (1220) e lêem-se nas Inquirições do rei D. Afonso II: I — *De parochia Sancti Petri de Polvoreira. Geraldus Juliani Prelatus, etc...*¹² e nas de D. Afonso III (1258): *Hic incipit inquisitio Ecclesie, etc...*¹³ É curioso que nestas últimas Inquirições se nomeiam os prelados da dita igreja : "*Gunsalvus Johannis, juratus et interrogatus cujas est ipsa Ecclesia, dixit quod semper illum abbadaverunt herdatores el gubernatores ipsius Ecclesie, et post*

¹² *Vimaranis Monumenta Historica*. Colig. pelo Abade de Tagilde. Doc. CXCIV. Pars I. 1908. Guimarães.

¹³ *Vimaranis Mon. Hist.* Ob. cit. Doc. CCLIX.

mortem Dompni Giraldi, qui fuit inde prelatus, venit Dompnus Egidius Martini et dedit illam suo vicario Gonsalvo Egee.”.

Na colectânea “Vimaranis Monvmenta. Historica”, registou o Abade de Tagilde a seguinte nota a propósito da igreja de Polvoreira: “Em 30 d’Abril de 1345 D. Theresa Martins, mulher de D. Affonso Sanches, e seu filho D. João Affonso d’Albuquerque, cota beneplacito d’El-Rei D. Diniz, por escritura feita em Lisboa, doaram ás freiras de Santa Clara de Villa do Conde o padroado desta Egreja (Arch. da Cam. Ecc. de Braga, Estados Egrejarios, maço 1.º da letra P.)¹⁴.

Sobre o mesmo assunto diz Pinho Leal: “As religiosas de Santa Clara (franciscanas.) de Vila do Conde apresentavam, in **solidum**, o abade, que tinha 450.000 réis de rendimento anual”¹⁵. É claro que o autor refere-se ao abade de S. Pedro de Polvoreira.

As Inquirições Gerais de D. Denis —1290 — referem-se também à freguesia, nestes termos: “—freguesia de sam pero de poluoreira e casa...”¹⁶.

Eis as notícias que pude colher sobre esta igreja; fraca é a colheita, porém o arquivo paroquial não existe, ou, se existe, nada vale, afirmou-me o seu último e falecido abade P.^e José. Vejamos, contudo, o que nos segredam as pedras da vetusta igreja rural, por forma a obtermos os dados que os documentos escritos não forneceram.

Está levantada a igreja de S. Pedro de Polvoreira no cume do cerro do mesmo nome, entre a residência abacial e o pequeno cemitério. É uma construção de regulares dimensões, muitíssimo danificada, *como era de esperar*, na sua primitiva traça. A começar pela frontaria, nota-se-lhe um acréscimo para a esquerda, pesado remendo de cantaria que sustenta, ao alto, o campanário de três janelas de arcos redondos, banal e moderno (século XVIII); para a direita, dá acesso um alto lanço de escadas de cantaria, para cujo assentamento serviu o referido acréscimo (1. Fig. 1.^a).

A frontaria está voltada a oeste, não apresentando as características linhas das igrejas do género, parecendo uma obra inacabada, inestética, desagradável. Quase ao centro, abre-se uma

¹⁴ *Vim. Mon. Hist.* Ob. cit. Nota a pág. 282.

¹⁵ Pinho Leal — *Ob. cit.*

¹⁶ *Vimaranis Mon. Hist.* Ob. Cit. Doc. CCLXXVIII.

vulgaríssima janela quadrangular, com seu caixilho de vidro. A parte mais importante, por ser a mais antiga, é a porta principal, sem tímpano, sem molduras, de arco levemente quebrado; este é constituído por duas arquivoltas, de arestas agudas, esquadriadas. E... nada mais!

As paredes sul e norte são as partes da igreja que nos revelam elementos nitidamente românicos. Na face sul rasga-se também um pórtico de arco quebrado, singelíssimo, com tímpano assente em pilastras lisas. Como na porta principal, é total a ausência de gravuras ou esculturas (II. Fig. 1.^a). Ao nível do ângulo do seu arco existem três pequenos modilhões lisos, que sustentavam um alpendre modesto; entre dois deles rasga-se uma fresta de troneira, primitiva, semelhante a uma outra da face Norte. O beiral da parede que vinha tratando assenta sobre uma fiada de dezoito modilhões, a maior parte deles lisos. Alguns, contudo, são de almofada (III. Fig. 1.^a); dois, esculpido, apresentam ramos de árvore, assuntos realistas tão repetidos na arte românica (V. Fig. 1.^a). A esta parede Sul encosta-se uma vulgar sacristia, sem valor.

Passemos à face Norte, à qual está arrimada uma pequena capelinha da Senhora do Rosário, curiosa por ser toda forrada a azulejos de diversa época e matizes diferentes, alguns deles valiosos, como brevemente se poderá verificar no pequeno estudo que deles estou fazendo. Para essa capela entra-se, do corpo da igreja, por uma porta à primeira vista vulgar, mas que mostra indícios de ser semelhante à que descrevi na face Sul, que lhe fica mais ou menos em frente. Presentemente, a calça e a argamassa cobrem-lhe o arco e o tímpano, se o tem!

A meio da altura desta parede vê-se um modilhão singelo, análogo aos que ficam sobre a porta do lado sul. A cornija, simples, em que assenta o beiral norte, repousa também sobre uma fila de vinte e três modilhões idênticos aos do sul; somente dois são historiados: um, ostenta uma flor grosseira de oito pétalas (IV. Fig. 1.^a); o outro, talvez uma folha vegetal espalmada ou parte de outra rosácea (IV. Fig. 1.^a). Os restantes modilhões almofadados assemelham-se a tantos outros de igrejas romanas vimaranenses, como a Colegiada da Oliveira, S. Salvador de Pinheiro, etc. Os outros, lisos, aproximam-se bastante da forma dos existentes noutras igrejas do Concelho, como S. Miguel do Castelo, S. Cipriano de Taboadelo, Santa Eulália de Pentieiros, Santa Cristina de Serzedelo e S. Miguel de Serzedo, como

se verá quando destas igrejas tratar nos próximos números desta Revista.

Exteriormente, nada se revela digno de atenção, nesta igreja de S. Pedro de Polvoreira, a não ser a cruz rematante do ângulo exterior do transepto, que é de pé e braços curtos, prismáticos, por certo da mesma idade que os outros elementos arquitectónicos referidos. Interiormente, nada da primitiva fábrica se encontra. Se não fossem as mutilações e remendagens que esta igreja sofreu, ela seria um belo exemplar do estilo românico nortenho, por certo ducentista.